

Um fundo comum dos ricos para aliviar a dívida dos pobres

REALI JÚNIOR
Nosso correspondente

PARIS — Às vésperas da abertura da reunião do Grupo de Cartagena em Punta del Este, anunciou-se ontem em Paris que a França poderá propor a seus parceiros da Comunidade Européia e aos demais países industrializados, principalmente os Estados Unidos e Japão, a criação de um fundo internacional comum que seria constituído com parte das economias obtidas com a queda brusca do dólar e com a degringolada dos preços do petróleo.

Os recursos desse fundo seriam destinados a aliviar a dívida dos países em desenvolvimento e a garantir-lhes melhores condições, além de confortar o próprio sistema financeiro internacional, gravemente ameaçado, neste momento, pela situação em que se encontram alguns países produtores de petróleo endividados, principalmente México e Nigéria.

Essa possibilidade foi revelada pela primeira vez por Michel Rocard, ex-ministro do Planejamento e da Agricultura do governo socialista, em artigo publicado ontem pelo diário econômico francês *Les Echos*. Na véspera, a primeira alusão a essa iniciativa havia sido feita durante a palestra do presidente do Banco Central do Brasil, Fernão Bracher, quando o financista Derek Riley lhe endereçou uma pergunta nesse sentido.

Para Michel Rocard, esses dois acontecimentos recentes e simultâneos quedas do dólar e dos preços do petróleo — vão mudar profundamente as próximas perspectivas da economia e, sem dúvida, a política mundial. O economista Rocard lembra que não são apenas os preços do petróleo que estão caindo, mas os de outras matérias-primas também se encontram bastante orientados para baixo.

Os países da Opep vão perder entre 60 e 80 bilhões de dólares, enquanto a França, Alemanha Federal e Japão serão muito beneficiados, prevendo-se crescimento suplemen-

tar de 1% do PIB de cada um deles.

Na França, o governo já prevê queda ainda maior da inflação, anteriormente estimada em 2,9% para 1986 e agora em apenas 2%. Se entre os endividados o Brasil está sendo também favorecido pela situação presente, outros endividados produtores de petróleo como México, Venezuela, Nigéria, Argélia, Indonésia vão encontrar-se em situação mais crítica.

Para que se tenha uma idéia, a fatura de petróleo da França vai cair em cerca de 70 bilhões de francos, mais de um terço dos 180 bilhões de francos gastos o ano passado. A França, como outros países ricos, terá certas margens de liberdade imprevistas, mas que devem ser utilizadas da forma mais judiciosa possível.

Para Michel Rocard, essa iniciativa deveria ser acompanhada de outras na área do Grupo dos Cinco (EUA, Japão, Alemanha Federal, França e Grã-Bretanha), tais como uma redução da relatividade das paridades monetárias e das taxas de juros. Ele considera que disposições nesse sentido devem ser adotadas rapidamente, ainda antes que soluções de facilidades sejam autorizadas sem que se possa, posteriormente, voltar atrás. Ele acha, por exemplo, que a queda dos preços da gasolina não mais deve ser repercutida junto ao consumidor, o que vem sendo feito até agora.

O homem que foi o responsável pelo planejamento do governo socialista lembra que pelo menos 15 países encontram-se estrangulados pelo peso de suas dívidas e reconhece que elas se desenvolveram, em grande parte, graças à lassidão dos bancos dos países desenvolvidos. Por tudo isso, Michel Rocard considera que os países industrializados são co-responsáveis por essa situação deplorável. Finalmente advertiu que não são apenas as economias nacionais desses países que estão ameaçadas, mas o próprio equilíbrio financeiro mundial é ainda muito precário, exigindo soluções duradouras e não apenas iniciativas de emergência.